

Prefácio

O ano de 2025 trouxe com ele a comemoração do bicentenário de nascimento de Camilo Castelo Branco. Entenderam o Instituto de Literatura Comparada e a Casa dos Livros que esta seria uma oportunidade a não ignorar pelo que representava de possibilidades de (re)leitura de Camilo Castelo Branco, autor de uma obra fecunda e polidrica, que no seu tempo, mas também ainda nos dias de hoje, não deixa indiferente quem dela se acerca. Na verdade, na génese dos estudos que esta publicação reúne esteve o gosto e o prazer na leitura da escrita camiliana e a vontade de partilhar e suscitar esse gosto e esse prazer junto de mais leitores – interlocutores que Camilo sempre valorizou. Não se tratou, então, de cumprir uma agenda comemorativa, mas houve como propósito reencontrar um autor, renovar leituras, suscitar experiências leitoras outras.

Assim, os textos que aqui se apresentam dão conta de olhares diversos sobre múltiplas facetas da escrita de Camilo. Em nota de abertura, Mário Barroca dá testemunho da verdadeira pertinência em acolher e estimular práticas de comemoração. Com efeito, elas são ocasião, em comunidade, de revisitações, de descobertas ou redescobertas da obra de um criador. Elas são, igualmente, oportunidade para pôr em relação atores literários e refletir sobre dinâmicas relacionais e de receção, envolvendo outros criadores. E é disso que se trata quando Isabel Cristina Mateus, no ensaio “Camilo Castelo Branco e o haraquí de Fialho de Almeida” destaca Fialho de Almeida como um leitor que cedo identifica a genialidade criativa de Camilo Castelo Branco, denunciando, ao mesmo tempo, a injustiça de tratamento, face ao enorme tributo que Eça merecerá após a sua morte – o que Camilo não conheceu por parte dos seus contemporâneos. Luciene Pavanelo, por sua vez, com “*Gracejos que Matam* e o riso amargo de Camilo”, reflete, de modo fino, sobre as questões trabalhadas e estratégias narrativas usadas pelo romancista, postas ao serviço de uma crítica às fragilidades da sociedade oitocentista, sem fins morigeradores, nomeadamente no que respeita à sua hipocrisia moralista que julga diversamente os comportamentos de homens e de mulheres.

“Pseudonímia no feminino em Camilo: o caso de D. Rosária dos Cogumelos”, de Fátima Outeirinho, aborda a construção pseudonímica nas crónicas de Camilo Castelo Branco, procurando não apenas pensar metamorfoses da figura autoral, mas também o papel de uma entidade feminina, D. Rosária dos Cogumelos, autora de crónicas e elemento composicional relevante para a construção de outros textos cronísticos

assinados no masculino, permitindo refletir sobre representações do feminino na produção camiliana.

Maria de Lurdes Sampaio, em “Lost (in) the chapter: Afinal, o que fazem (as) mulheres?: notas em torno de um romance inconjuntado”, procede à anatomia do romance camiliano *O que Fazem Mulheres* (de 1858), apoiada no *close-reading* da obra, mas convocando sempre outras obras do autor e de exegetas que delas se têm ocupado. Procura demonstrar como neste romance trágico-cômico de enigmas, hoje reconhecido pelo seu ousado experimentalismo formal, Camilo apresenta um romance proto-feminista, ao pôr em relevo versões e pontos de vista femininos, ao mesmo tempo que procede à crítica e ao desmascarar de contratos sociais atávicos em vigor na sociedade portuguesa oitocentista.

Com o desenvolvido e detalhado estudo “Leitura e leitores na mundividência da escrita ficcional camiliana”, envolvendo um corpus de mais de três dezenas de textos de Camilo Castelo Branco, Sónia Valente Rodrigues demonstra que a leitura na ficção camiliana se apresenta como elemento estruturante da composição de personagens e da configuração das suas relações sociais, afetivas e morais, identificando no universo de Camilo figuras e situações (individualizadas e coletivas) de alfabetização, perfis de leitores, práticas de leitura, efeitos de leitura, entre outros aspetos.

Face à diversidade de abordagens e objetos na obra camiliana, esperamos com esta publicação não ficarmos somente pelo gesto celebratório da obra de Camilo, mas lançar um convite para a sua leitura às novas gerações.

Maria de Fátima Outeirinho
Maria de Lurdes Sampaio